

GRAMÁTICA ENSINO PLURAL



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Travaglia, Luiz Carlos

Gramática ensino plural / Luiz Carlos Travaglia. — 5. ed. — São Paulo :
Cortez, 2011.

Bibliografia.

ISBN 978-85-249-1681-6

1. Gramática — Estudo e ensino 2. Português — Gramática — Estudo
e ensino I. Título.

11-00723

CDD-415

Índices para catálogo sistemático:

1. Gramática : Ensino : Linguística 415

Luiz Carlos Travaglia

GRAMÁTICA ENSINO PLURAL

5ª edição

1ª reimpressão

 **CORTEZ
EDITORA**

GRAMÁTICA ENSINO PLURAL
Luiz Carlos Travaglia

Capa: DAC

Preparação de originais: Elisabeth Santo; Ana Paula Ribeiro

Revisão: Maria de Lourdes de Almeida

Composição: Linea Editora Ltda.

Coordenação editorial: Danilo A. Q. Morales

Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou duplicada sem autorização expressa do autor e do editor.

© 2003 by Autor

Direitos para esta edição

CORTEZ EDITORA

Rua Monte Alegre, 1074 — Perdizes

05009-000 — São Paulo-SP

Tel.: (11) 3864-0111 Fax: (11) 3864-4290

E-mail: cortez@cortezeditora.com.br

www.cortezeditora.com.br

Impresso no Brasil — março de 2018

À NEUZA, SEMPRE.

SUMÁRIO

Nota prévia	9
1 Ensino de gramática e qualidade de vida	13
2 A educação linguística	19
2.1 Introdução.....	19
2.2 Educação linguística: O que é e para que serve	21
2.3 Quem deve promover a educação linguística?	25
2.4 Como fazer a educação linguística.....	29
2.5 Considerações finais.....	38
3 Ensino de língua materna — Gramática e texto: alguma diferença?	39
4 A sistematização do ensino de gramática	53
4.1 Introdução.....	53
4.2 Proposta de forma de sistematização	54
4.2.1 Preliminares	54
4.2.2 Entrada pelo tipo de recurso	58
4.2.3 Entrada pela instrução de sentido	63
4.3 Considerações finais.....	72
5 Para que ensinar teoria gramatical.....	73
5.1 Introdução.....	73

5.2 Para que ensinar gramática teórica	77
5.2.1 Preliminares	77
5.2.2 Razões para ensinar teoria gramatical	93
5.2.2.1 Objetivo 1: Informação cultural	95
5.2.2.2 Objetivo 2: Instrumentalizar com recursos para aplicações práticas	98
5.2.2.3 Objetivo 3: Desenvolver o raciocínio, a capacidade de pensar, ensinar a fazer ciência	102
5.2.2.3.1 Redescobrir teorias existentes	104
5.2.2.3.2 Criticar teorias existentes	112
5.2.2.3.3 Criar, formular teorias	135
5.3 Considerações finais	149
6 O ensino do verbo	153
6.1 Introdução	153
6.2 Como tem sido o ensino de verbos: o caso dos livros didáticos	156
6.3 O que ensinar sobre verbo	159
6.3.1 Preliminares	159
6.3.2 O que trabalhar	161
6.4 Exemplos de atividades para o ensino de verbo	171
6.4.1 Tipos de atividades	172
6.4.2 Exemplos de atividades	172
Referências bibliográficas	235

NOTA PRÉVIA

A gramática de uma língua tem muitas facetas que começam pela própria existência dos vários níveis e planos da língua e continuam pela existência de variedades (dialetos, registros, modalidades) diversas da língua, com aspectos particulares em sua gramática. Além disso, a gramática (ou gramáticas?) de uma língua é descrita pelas mais diferentes correntes e teorias de estudo linguístico que têm diferentes postulados, posturas e ideologias sobre os fatos e fenômenos existentes no mundo, o que certamente leva a apresentar tal gramática como se fosse não um, mas vários fenômenos que seriam, de fato ou aparentemente, diversos. Quando as descrições da gramática da língua estão feitas, são encaradas pela sociedade de muitas formas, de acordo com a visão de mundo (ideologia) dos diversos grupos sociais no tempo e no espaço. Finalmente, a explicitação da(s) gramática(s) da língua em gramáticas descritivas e normativas pode ser utilizada para muitos propósitos distintos. Dessa forma, a gramática não é um fato ou fenômeno singular, mas um fato ou fenômeno plural. Assim sendo, seu ensino nunca poderá ser algo que tem uma abordagem, finalidade ou metodologia única, **o ensino de gramática é plural** e, como profissionais da língua (linguistas, gramáticos ou professores de língua materna ou estrangeira etc.), precisamos estar preparados para trabalhar com esta pluralidade, com os muitos aspectos sociais, ideológicos, científico-epistemológicos, políticos, educacionais envolvidos, entre outros.

Preocupados em como atuar em sala de aula para fazer um ensino de língua pertinente para a vida das pessoas (isto já é uma opção ideológico-político-educacional), temos buscado contribuir para o conhecimento e manejo dos muitos aspectos envolvidos no ensino de

língua materna e mais particularmente no ensino de gramática, dentro de dada concepção de gramática que consideramos mais adequada para o ensino/aprendizagem (cf. Travaglia, 1996). A questão é complexa e por mais que se diga sobre ela sempre restam elementos a explicar e precisar melhor, e posturas diferentes sobre tal questão para propor e desenvolver.

Este fato ficou muito evidente após a publicação de Travaglia (1996), em constantes encontros com colegas professores de todos os níveis de ensino (pré-escola, ensino fundamental e médio e ensino superior), devido à inquietação que determinados aspectos do ensino de gramática e língua materna causava em muitos de forma coincidente. Viamos, então, instados a refletir e buscar aprofundar e/ou explicar melhor certos aspectos da proposta de ensino de gramática que fizemos ou refletir sobre aspectos ainda não tratados. Surgiram, dessa forma, alguns trabalhos sobre as questões que nos incomodavam e aos colegas professores, uns já publicados aqui e ali outros não. São estas reflexões que aparecem neste livro, com o intuito de facilitar sua divulgação, discussão e, espero, utilização por aqueles que compartilham a mesma preocupação de fazer um ensino pertinente para a vida das pessoas.

São ao todo seis (6) textos com os quais pretendemos trazer contribuições válidas aos professores de língua materna em qualquer nível de ensino. Para clareza de cada questão ou aspecto discutido e de cada sugestão feita, procuramos sempre apresentar exemplos concretos.

Em “**Ensino de gramática e qualidade de vida**”, consideramos como o ensino de gramática pode ter uma dimensão político-existencial ao evidenciar que as pessoas com maior competência comunicativa têm melhor qualidade de vida à medida que conseguem se mover de maneira mais adequada e eficiente na sociedade, não só pela possibilidade de consciência dos sentidos que se dá às coisas ou que elas podem ter, mas também pela possibilidade de trabalhar com tais sentidos.

Em “**A educação linguística**”, consideramos o fato de que a proliferação de meios de comunicação neste final de século faz com que muitas pessoas, equivocadamente, minimizem a importância da língua na comunicação humana. Isto acontece porque se pressupõe que as tecnologias e os meios da mídia e multimídia poderiam, de alguma forma, substituir a língua no entendimento entre os homens. O objetivo é alertar sobre o que consideramos um equívoco e evidenciar a

necessidade e a importância de uma educação linguística em todos os níveis de ensino/aprendizagem, uma vez que a língua ainda é, e será por muito tempo, o meio fundamental de comunicação entre as pessoas por ser o mais preciso e capaz de abranger uma maior gama de significados. Portanto, a língua é necessária e fundamental para o entendimento entre os seres humanos (com todas as consequências que daí advêm, inclusive a paz) e a manutenção da humanidade (em todos os sentidos deste termo) enquanto tal. Advém daí a necessidade da educação linguística e de saber como fazê-la. Em linhas básicas buscamos mostrar como realizar tal educação linguística.

Em “**Ensino de língua materna — gramática e texto: alguma diferença?**”, procuramos evidenciar que, se se focalizar a concepção de gramática como o próprio mecanismo de funcionamento da língua e não sua concepção como uma teoria sobre a língua (gramática descritiva) ou uma postura da sociedade sobre como usar a língua (gramática normativa), poder-se-á perceber que o ensino de gramática e o de produção/compreensão de textos são uma só coisa, uma vez que os textos só são produzidos e compreendidos graças à gramática da língua e, portanto, não há como trabalhar com textos sem trabalhar a gramática e vice-versa, já que a gramática da língua só funciona em textos.

Em “**A sistematização do ensino de gramática**”, fazemos uma proposta de como o professor pode desenvolver um ensino sistemático de gramática, dentro de uma concepção textual-interativa de trabalho com a gramática da língua, e propomos duas formas ou vias de organização desta sistematização: a) pelo tipo de recurso da língua, e as instruções de sentido que tal recurso é capaz de pôr em jogo, quando utilizado em um texto; b) por determinada instrução de sentido que diversos recursos da língua podem introduzir no texto de maneiras diversas.

Em “**Para que ensinar teoria gramatical**”, são discutidos vários aspectos envolvidos no ensino de teoria gramatical e questões relativas aos objetivos possíveis para o ensino de teoria gramatical (para que serve ou pode servir tal ensino), bem como questões relativas à maneira de desenvolver atividades de ensino de teoria gramatical para os fins propostos.

Em “**O ensino do verbo**”, buscamos dar um exemplo de como o professor pode realizar o estudo de um tópico de ensino em que as

atividades se organizem e sistematizem pelo tipo de recurso da língua. São abordados os seguintes tópicos: a) como tem sido proposto o ensino do verbo nos livros didáticos; b) o que pode e deve ser ensinado; c) a necessidade de, para cada tópico ou subtópico, ter clareza sobre o plano (fonológico, morfológico, sintático, semântico, pragmático) e nível (lexical, frasal, textual) da língua em que se está trabalhando; d) o fato de que um mesmo tópico ou subtópico de ensino/aprendizagem pode ter uma abordagem teórica, de uso, normativa ou reflexiva, nos termos da proposta de Travaglia (1996) e da conveniência ou não de conjugar estas formas de abordagem; e) tipos de atividades para o ensino/aprendizagem de verbo, com exemplificação de atividades para os diversos tipos de tópicos e subtópicos a serem abordados.

Um aspecto importante que aparece nos textos é a questão do trabalho com a forma e o significado dos recursos da língua nas atividades de ensino/aprendizagem de gramática. Esta questão aparece nos textos enfatizando a necessidade de trabalhar com o significado, com as condições linguísticas de significação, de produção de efeitos de sentido entre interlocutores para a comunicação, já que a tradição tem sido trabalhar apenas, ou mais, com a forma por um lado e com a classificação dos elementos linguísticos por outro. O trabalho com a forma pode ensinar sobre os tipos de recursos existentes em uma língua: unidades, construções, flexões etc.; o trabalho de metalinguagem pode ensinar sobre como analisar e nomear tais recursos, mas ainda não permite aprender como os recursos da língua podem significar e sobretudo o que podem significar e em que condições. É o domínio (não necessariamente explícito, consciente) e o manuseio adequado dessas condições de significação que tornam o usuário da língua realmente competente, por isso não se pode relegar a segundo plano esta faceta da pluralidade do ensino de gramática.

Esperamos que os textos deste livro ajudem os colegas professores:

- a) a focalizarem pontos e questões sobre o ensino de língua materna que são importantes para o desenvolvimento de um trabalho pertinente, dentro da perspectiva que temos proposto;
- b) a trabalharem com mais algumas facetas do ensino de **gramática** que é, sem dúvida, **um ensino plural**.

1 ENSINO DE GRAMÁTICA E QUALIDADE DE VIDA¹

A proposta de ensino de gramática que apresentamos e defendemos só faz sentido a partir do momento que se pressupõe que em nossas escolas queremos propiciar atividades de ensino/aprendizagem que permitam aos alunos se prepararem para a vida que têm e terão dentro de uma sociedade, com uma determinada forma de cultura, incluindo-se nesta tudo o que representa o modo de ser da sociedade, o modo de ver o mundo e de constituir as relações entre os membros dessa sociedade.

Ao buscarmos enfocar questões ligadas ao ensino de língua materna numa perspectiva que tangencia a visão da língua como forma de atuação social e/ou exercício de cidadania, podemos, entre muitos outros pontos, levantar a questão da relação da gramática com a qualidade de vida das pessoas, particularmente dos nossos alunos. E podemos afirmar logo de partida que a gramática tem uma relação direta com tal qualidade de vida.

Muita gente com certeza se perguntará: mas o que a gramática tem a ver com qualidade de vida?

Certamente esta estranheza se justifica por uma série de pressupostos, e o “mas” colocado no início da pergunta já evidencia a pressuposição de que a gramática de uma língua e seu ensino nada têm a ver com qualidade de vida.

Portanto, fica a pergunta se a gramática e o ensino de gramática afetam ou não, estão relacionados ou não de alguma maneira à quali-

1. Trabalho apresentado em mesa-redonda do XIX Congresso da “*Fédération Internationale des Professeurs de Langues Vivantes*” realizado em março de 1997 na Universidade Federal de Pernambuco. Primeira publicação: Travaglia (1999).

dade de vida das pessoas. Evidentemente a resposta a esta questão depende de estabelecermos alguns pontos importantes que certamente darão forma ao pensamento de cada um sobre o problema.

Em primeiro lugar, deve-se lembrar que a linguagem dá forma a nosso mundo e a nossa vida sociocultural e ao mesmo tempo reflete como e por que as pessoas de uma sociedade e cultura se relacionam, como veem o mundo etc. Isto quer dizer que aquilo em que acreditamos, o que aceitamos, o que recusamos, nossos preconceitos, nossos sonhos, ideais e ideias, nossas relações, o que vemos ou deixamos de ver em nosso mundo empírico e social etc. é tudo enformado pela linguagem, sobretudo pela língua, ao mesmo tempo que tudo isto também dá forma à língua, atuando na constituição de suas regularidades que permitem a comunicação. Assim sendo, parece óbvio que mover-se nessa sociedade de maneira adequada, implica saber perceber como tudo o que constitui esta sociedade e sua cultura é simbolizado e significado na língua. Desta forma, só de posse desse instrumento as pessoas serão capazes de se mover sem maiores dificuldades dentro da sociedade e sua cultura, porque serão capazes de perceber o significado/sentido e a direção do dizer. A língua será vista, pois, como uma forma de interação comunicativa dentro de uma sociedade.

Em segundo lugar, é preciso pensar por que se dá aulas de uma língua para falantes nativos dessa língua (por que se dá aulas de Português a brasileiros falantes nativos dessa língua). Certamente não é para ensinar a falar a língua, a se comunicar por meio dela, porque os falantes nativos já o aprenderam de forma “natural” desde seus primeiros anos de vida. O que queremos de nossos alunos e para nossos alunos em nossas aulas de língua materna? Que eles se transformem em bons analistas da língua? Analistas capazes de identificar e classificar unidades, funções etc.? Não acreditamos que seja isto. Acreditamos que tal ensino só pode ter como fim principal e fundamental o desenvolvimento da **competência comunicativa** já adquirida pelo falante, entendendo-se este desenvolvimento como o possibilitar ao falante utilizar cada vez um maior número de recursos da língua de forma adequada a cada situação de interação comunicativa. Essa adequação tem dimensões várias como: a) ser adequado quanto à possibilidade de produzir os efeitos de sentido desejados de modo a atingir os objetivos pretendidos ao dizer; b) ser adequado quanto ao atendimento de

normas sociais de uso da língua em termos de variedades da língua a serem usadas; c) ser adequado quanto ao direcionamento argumentativo; d) ser adequado quanto ao atendimento de exigências de naturezas diversas, tais como estética, polidez etc. Evidentemente essa opção em termos de objetivo para o ensino de língua materna tem grande relação com a concepção de língua que explicitamos anteriormente.

Em terceiro lugar, a resposta à questão levantada no início deste texto vai depender de como se concebe o que é gramática.

Se se entender gramática como uma teoria, constituída, por exemplo: a) por um conjunto de classificações de unidades linguísticas e de funções que estas podem exercer na cadeia linguística; b) pela explicitação de relações possíveis entre vários tipos de unidades e de mecanismos de funcionamento da língua e coisas semelhantes; talvez a gramática tenha pouca coisa a ver com qualidade de vida. Por exemplo, em que melhora a vida de uma pessoa saber dizer qual é o objeto direto, o sujeito de uma frase, dizer se uma palavra é verbo ou substantivo ou pronome? Parece-nos que em nada. Isto serve, quando muito, para um sucesso na avaliação escolar ou para aqueles que têm profissões ligadas à análise da língua.

Por outro lado se se entender a gramática não como teoria linguística, mas como o **conjunto de conhecimentos linguísticos** que um usuário da língua tem internalizados para uso efetivo em situações concretas de interação comunicativa, então, sem dúvida, a gramática tem tudo a ver com a qualidade de vida, pois quanto mais recursos, mecanismos, estratégias da língua o usuário dominar, melhor desempenho linguístico terá. Como já expusemos, as condições de existência sociocultural são grandemente dependentes da língua; assim, quanto mais domínio dos recursos e mecanismos desta tiver, melhor a pessoa se movimentará dentro desta sociedade e, portanto, melhor qualidade de vida terá.

De tudo isto é que advém a proposta que temos feito em diferentes circunstâncias de um ensino de gramática que seja pertinente para a vida, possibilitando que a pessoa viva melhor porque consegue veicular pela língua os significados/sentidos que deseja e compreender melhor os significados/sentidos que chegam até ela e de que forma chegam, sendo capaz de perceber estratégias argumentativas, signifi-

cativas e de relação social e cultural concretizadas no dizer. Ou seja, o falante da língua será capaz de se colocar muito melhor na relação com os outros, com a sociedade e a cultura em que vive, tanto no que diz respeito à possibilidade de estabelecer os significados, os efeitos de sentido que deseja, como no que diz respeito à apreensão dos significados, dos efeitos de sentido que os outros estão lhe propondo em interações diversas. Um falante com tal capacidade tem uma qualidade de vida muito maior, pois consegue se colocar como sujeito nas relações sociais, consegue utilizar a língua para a consecução de seus objetivos.

Um ensino de gramática pertinente para a vida e capaz de ter influência na qualidade de vida das pessoas (nossos alunos), por tudo o que dissemos até aqui, será sem dúvida um ensino de gramática que desenvolva a competência comunicativa do falante, isto é, a capacidade de o falante usar cada vez mais recursos da língua e de forma adequada a cada situação de interação comunicativa. Este ensino terá que ser estruturado não como um estudo e trabalho que encara a gramática como uma teoria a ser utilizada em análises linguísticas. Este ensino será construído sobre uma concepção que vê a gramática² como o próprio estudo e trabalho com a variedade dos recursos linguísticos colocados à disposição do produtor e receptor de textos para a construção do sentido em textos. Portanto, a gramática vista como o estudo das condições linguísticas da significação.

Dessa forma, para concretizar um pouco o que dissemos, vejamos o caso de uma atividade como a do exemplo (1)³. Segundo nossa proposta de ensino, importa pouco discutir aspectos formais tais como a presença de imperativo, presente do indicativo, futuro do presente, gerúndio ou infinitivo etc.; a presença ou ausência de modalizador, expressões de gentileza, bem como outros aspectos de classificação dos constituintes de cada alternativa. Importa muito mais discutir qual a diferença de sentido entre as diversas formas de “ordenar”, de “determinar” que alguém faça algo e em que tipo de situação cada uma delas pode ser utilizada de forma adequada à produção não só do efeito de

2. Para esta concepção de gramática veja também Franchi (1987: 35) e Travaglia (1996: 235). Para a concepção de ensino de gramática aqui proposta veja Travaglia (1996).

3. Exemplo de Travaglia (1996: 200-201), em que se comenta o valor de cada forma.

sentido de levar alguém a fazer algo (injunção), mas também, por exemplo, de preservar ou não sua face (dando uma ordem direta ou apresentando-a como uma sugestão), de atender a ditames de cortesia, de convencer o outro, de lhe dar ou não chance de recusar, de ser a primeira vez que se faz a injunção ou não, discutir qual forma usar quando se pensa que o interlocutor não está disposto a fazer o que pretendemos que ele faça, entre outros aspectos. Esta segunda gama de questões, muito mais voltadas para a significação e suas condições de realização dentro da situação de interação comunicativa, é, a nosso ver, mais pertinente para a vida do aluno, como usuário da língua, pois o torna mais competente no uso dessas formas, na medida em que fará sua opção por uma ou outra forma de maneira mais segura e competente.

- (1) A) Levante o maior número de formas que podemos utilizar para determinar que alguém faça algo.
- B) Procure explicitar em que condições cada uma pode e/ou deve ser usada e se há diferenças de sentido entre elas.
- a - E se vocês fizessem o exercício?
 - b - Que tal fazer o exercício?
 - c - Fazer o exercício (da página X). (escrito)
 - d - É bom fazer o exercício.
 - e - É bom que vocês façam o exercício.
 - f - Você deve fazer o exercício.
 - g - Faça o exercício!
 - h - Faça o exercício, por favor!
 - i - Faz o exercício!
 - j - Fazendo o exercício...
 - l - Eu quero que vocês façam o exercício.
 - m - Eu te ordeno que faças o exercício.
 - n - Farás os exercícios hoje à noite.

Como se pode perceber, um ensino de gramática preocupado com a qualidade de vida precisa necessariamente trabalhar com as possibilidades significativas dos recursos linguísticos e sua condição de uso para funcionar como pistas e/ou instruções de sentido para dado efeito de sentido pretendido ou possível, tanto na produção

quanto na compreensão dos textos com que interagimos comunicacionalmente.

Por tudo o que foi dito até aqui, fica posta a nossa posição de que é possível realizar um ensino que faça da gramática um instrumento, entre outros, para a obtenção de maior qualidade de vida, que permita às pessoas viverem de forma melhor. Lembrando que nos comunicamos através de textos, será um ensino de gramática dentro de uma perspectiva textual-interativa.